

AS REINAÇÕES DE HORÁCIO DÍDIMO NO TERRITÓRIO LOBATIANO

Elvira Drummond

Nota introdutória

Horácio Dídimo reina soberano no território lobatiano. Foi mergulhando no Reino das Águas Claras que chegou ao ateliê de Dona Aranha Costureira e suas seis aranhinhas. Desse encontro nasceu a obra *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo* (1996) - um ensaio ficcional ou ficção ensaísta (como denomina o próprio autor) que explana os vários processos textuais utilizados por Lobato, considerando o conjunto de sua obra literária infantil.

Nesse ateliê de costuras literárias, Dídimo tece uma teia de analogias, e é através dos personagens Dona Aranha e as seis aranhinhas que expõe sua teoria sobre a construção do texto lobatiano. Para explicitar os diversos procedimentos literários, utiliza duas denominações que, paralelamente, conduzem a tese: os textônimos funcionais — designados pelo personagem Visconde de Sabugosa (Madame Proto e as Senhoritas Deuterinhas: Inter, Intercon, Extra, Trans, Meta e Hiper); e os caliônimos musicais e cromáticos — designados pela boneca Emília (Dozona Vermelha e as aranhinhas: Rezinha Alaranjada, Mizinha Amarela, Fazinha Verde, Solzinha Azul, Lazineira Anil e Sizinha Violeta).

Antes de escrever “Reinações de Horácio Dídimo no território lobatiano”¹, visitei o ateliê literário com meu caderninho de anotações. Farejei a trilha percorrida por Lobato e, em seguida, por Dídimo, refazendo o caminho e pontuando trechos (tal qual João e Maria fizeram com pedrinhas, quando embrenhados na floresta). Tive receios, ao proceder

1 Este artigo - “As Reinações de Horácio Dídimo no Território Lobatiano” - trata-se de uma paródia sobre a tese de Horácio Dídimo: *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Compondo a macroparódia, há várias microparódias que exploram o gênero cantigas de roda — as cantigas costuram o texto, sendo alusivas a cada uma das aranhinhas e, também, ao meu encontro inicial, mediado pela música, com o poeta Horácio Dídimo.

a escrita, tamanho foi meu encantamento. Quando a luz é intensa, por vezes, ofusca o olhar...

Por fim, optei por destacar os caliônimos musicais e cromáticos (atribuição emiliana)² com o propósito de valorizar as melodias do cancionista folclórico brasileiro, aqui apresentadas como fio condutor da narrativa. Todas elas aparecem linkadas com os diversos fios textuais. Meu intuito foi melodiar a narrativa que instiga, sugere, e dialoga constantemente com aspectos sonoros da palavra.

Dona aranha costureira — a dozona vermelha

Horácio, de mãos dadas com Dona Aranha Costureira — a “dozona vermelha”, passeou pelo território lobatiano e descobriu todos os mistérios do tecido literário. Foi com a própria Dona Aranha que aprendeu como tecer ponto por ponto, bordando e melodiando cada palavra...

Depois de pigarrear, numa clara tentativa de amolar a voz, Dona Aranha Costureira, nossa fiandeira-mor, chamou suas seis filhas — as aranhinhas-secretárias — para organizar um recital. Queria dar provas do talento musical das aranhas para o ilustre convidado Horácio Dídimo.

Dozona vermelha contou, de imediato, com a aquiescência das seis aranhinhas, que se encarregaram de distribuir as tarefas e escolher o repertório a ser apresentado. Em pouquíssimo tempo, o que é admirável para a natureza vagarosa das aranhas, retornaram dizendo que estava tudo arranjado e que o recital começaria dentro de instantes...

Cá entre nós, a Dozona Vermelha tinha a voz de “aranha arranha a jarra e a jarra arranha a aranha”, seu desempenho vocal exibia um timbre pra lá de “arranhado”... Para disfarçar, tinha mania de cantar tudo em DÓ — a nota mais grave da escala musical.

Dozona Vermelha, visivelmente entusiasmada, lembrava das várias homenagens recebidas de inúmeras celebridades. Dentre elas, o

2 Sem intenção de minimizar as denominações classificatórias de nosso brilhante Visconde de Sabugosa (que fez uso de textônimos funcionais), fui seduzida pelas graciosas e sonoras denominações da espertíssima Emília (que optou por caliônimos musicais e cromáticos), valorizando-as, no decorrer da narrativa. Tenho o péssimo hábito de tocar e escrever de ouvido, talvez venha daí minha preferência...

poema “A aranha”, escrito pelo ilustríssimo Manuel Bandeira, exaltando sua espécie. (BANDEIRA, 1977, p. 126).

Desta feita, traria outra homenagem — uma singela mostra de nosso cancionero tradicional, que Dona Aranha Costureira achou por bem ser o fio condutor do recital.

— É desnecessário comentar sobre a importância do folclore na formação cultural de um povo. Ainda mais quando se trata do folclore brasileiro, especialmente rico, porque abraça em seu acervo elementos de diversas culturas — argumentava empolgadíssima a matriarca da família Aracne.

Pois bem!... Dozona levantou por garantia quatro de suas oito patas, sinalizando o desejo de dar, ela mesma, início à performance. As aranhinhas, prontamente, anunciaram a participação especial de Dona Aranha Costureira, que foi recebida no palco com efusivos aplausos.

Após um pigarro prolongado, na tentativa de disfarçar seu timbre meio rouco de contralto abaritonado, Dozona anunciou a canção que tem como título “Dona Aranha” — uma visível distinção à sua espécie. Houve silêncio na plateia... E Dozona começou:

DONA ARANHA

Dona Aranha subiu pela parede,

Veio a chuva forte, que ela apreciou...

Sendo Nordestina, a chuva era bem-vinda.

E, de tão contente, até cantarolou... ³

Tia Nastácia, sabidíssima quanto às coisas de nosso folclore, cochichou para Dona Benta: — Sinhá, o palavreado da cantiga tá errado. Num é esse não!...

— Psiu! — fez Dona Benta, levando o dedo indicador à boca, pedindo silêncio.

³ Letra original da canção folclórica “Dona Aranha”: A Dona Aranha subiu pela parede/ veio a chuva forte e a derrubou./ já passou a chuva/ o sol já vem surgindo/ e a Dona Aranha continua a subir... (Há diversas gravações em áudio, desta canção folclórica de origem norte-americana. No entanto, localizei apenas um registro de partitura: SCHREIBER; SCHREIBER, [s/d.], livreto 4).

Emília, que também conhecia a canção com outra letra, falou em tom de “meio-cochicho” (audível para quem estivesse na mesma fileira de cadeiras da plateia improvisada, com muito jeitinho, na varanda do sítio):

— Vixe! “Derrapou como carro na lama”. Isso está erradinho da silva! Lembro-me perfeitamente do jeito certo, palavrinha por palavrinha... Nós cantamos muitas vezes essa canção durante os serões, aqui mesmo, nesta varanda!

Visconde já ia argumentar, quando Narizinho abreviou o assunto beliscando Emília — método eficaz e que funcionava muito bem para as impertinências emilianas. Valia qualquer coisa para impedir algum tumulto que prejudicasse a apresentação de Dona Aranha. Vovó Benta, aproveitando os aplausos da plateia, cochichou para Emília:

— Com as canções do nosso folclore acontece o mesmo que nos contos. Lembra do que comentei, por ocasião de uma das sessões de histórias da Nastácia? “As histórias que andam na boca do povo não são como as escritas. (...) Cada pessoa que conta muda uma coisa ou outra, e por fim elas ficam muito diferentes do que eram no começo.” (LOBATO, 1970, p. 108). Além do mais, Dona Aranha fez uma paródia, ou seja, inventou uma letra nova para a velha melodia.

A boneca pensa um pouco e concorda, dando seus palpites, como era de se esperar:

— Hum!... Nesse caso, merece meus aplausos, porque, dessa vez, a Dozona mostrou que, mesmo tendo voz de taquara rachada, é inventadeira. E das boas!...

Dona Benta respirou aliviada, pela façanha de aquietar a boneca. E o recital continuou...

Rezinha alaranjada (aranhinha inter)

Dando prosseguimento, Dozona Vermelha chamou ao palco (também improvisado com uma antiga mesa da sala de jantar) sua filha Rezinha Alaranjada (a aranhinha Inter, que tece o fio Intertextual, trazendo personagens do mundo maravilhoso - de outros contextos literários).

Rezinha Alaranjada anunciou que cantaria uma canção em homenagem a um de seus personagens favoritos: O pequeno polegar. Lembrou emocionada que foi numa pétala de rosa que o educadíssimo Polegar escreveu uma mimosa cartinha, endereçada à Dona Benta (LOBATO, 1982, p. 8) ⁴ Na carta, pedia para mudar-se, definitivamente, com os demais personagens do mundo maravilhoso, para o Sítio do Picapau Amarelo.

Para prestigiar seu personagem preferido, Rezinha Alaranjada destacou o uso singularíssimo da pétala de rosa como papel de carta. E combinou duas canções de nosso repertório folclórico, cujo tema é a rosa: Rosa Vermelha e Rosa Amarela.

Segundo Rezinha, bem que tentou encontrar alguma canção que mencionasse uma rosa alaranjada, mas não encontrou nada de nada!... Por isso apelou para a combinação de cores, afinal, é a mistura do amarelo com o vermelho que produz a cor alaranjada.

Após a explicação de Rezinha, foi a vez do Visconde manifestar seu apreço à simpaticíssima e sabidíssima aranhinha, aplaudindo com toda vitalidade o comentário com jeitinho sabugoso da pequena artista. A euforia foi tamanha, que não pode conter o grito entusiasta: — Bravo! Bravíssimo!... Ela conhece a teoria das cores, de Newton!... — dizia o Visconde, numa alegria pinotante que só vendo!...

Rezinha Alaranjada, que, por Deus, não herdou o (des) talento musical de sua mãe, executou o *potpourri* das rosas com a voz muito afinadinha:

ROSA VERMELHA ⁵

A rosa vermelha do meu bem-querer/

A rosa vermelha e branca hei de amar até morrer...

4 LOBATO, Monteiro. A cartinha do Polegar. In: *O Picapau Amarelo*, p. 8. “Dona Benta pôs os óculos e tirou da bolsa uma coisinha dobrada, pequeníssima — uma pétala de rosa! — É o papelzinho em que ele escreve — e escreve sem tinta, com a ponta de um espinho.”

5 Ambas as canções (Rosa vermelha e Rosa amarela) pertencem ao nosso cancionário folclórico e tiveram suas letras reproduzidas conforme as respectivas versões originais. Rosa Vermelha (NAIRZINHA, 2006, p. 29; CASTRO, 1967, p. 90; PIMENTEL, 2004, p. 52.); Rosa Amarela (PIMENTEL, 2004, p. 56; VILLA-LOBOS, 1941, n° 109 — s/p.).

ROSA AMARELA

Olha a rosa amarela, rosa!

/Tão bonita e tão bela rosa!...

Rezinha Alaranjada foi muitíssimo aplaudida. Narizinho, que tinha o mais lindo de todos os canteiros do jardim de Dona Benta⁶, foi logo pedindo bis, tamanha a satisfação de ver as belas rosas prestigiadas. Mas Rezinha preferiu prosseguir com a programação para não atrasar a participação das companheiras. E saiu do palco deixando um lindo bouquet de rosas vermelhas e amarelas ornamentando o espaço. Com muita delicadeza, solicitou a presença de sua irmã Mizinha Amarela.

Mizinha amarela (aranhinha intercon)

Mizinha Amarela (a aranhinha Intercon, que tece o fio intertextual, trazendo personagens de outros sistemas semióticos, a exemplo das histórias em quadrinhos) chegou até a boca de cena, demarcada com a colcha de cama da Dona Benta — feita por ela mesma com a junção de vários retalhos, e que, ali, fazia o papel de cortina. Enfiando só uma parte do corpo para fora, a aranhinha pediu que a plateia aguardasse alguns instantes...

Passado os tais alguns instantes (que durou aproximadamente cinco minutos), voltou Mizinha Amarela acompanhada por dois gatos: o falso e o verdadeiro gato Félix.

Emília, de longe, reconheceu o falso gato Félix⁷, e foi logo botando a boca no mundo:

6 LOBATO, Monteiro. “A violeta orgulhosa”. In: *Histórias Diversas*, p. 14. “O canteiro de Narizinho era o mais bem tratado, porque Narizinho sempre fora muito prestimosa e ordeira. (...) Nunca ninguém viu um matinho, nem folhas secas, nem caramujos em seu canteiro, nem nada que não fossem pés de flores tão bem tratados que até pareciam plantas de exposição.”

7 Após a investigação Sherlockiana do sabidíssimo Visconde de Sabugosa sobre o desaparecimento dos pintos, ele usa o pretexto de contar uma história para desmascarar o falso gato Félix: LOBATO, Monteiro. “A história do Visconde”. In: *Reinações de Narizinho*, p. 91. “O Visconde pulou fora da latinha e berrou: — (...) O tal gato ladrão é você, seu patife! Você nunca foi gato Félix nenhum! Você não passa de um miserável comedor de pintos!... (...) Eis as provas! Este pelo eu o encontrei no galinheiro, bem no local do crime e ainda manchado com o sangue da vítima. E este outro a senhora Emília arrancou dessas fuças, seu miserável! Estão aqui as provas.”

— Olha lá o cara de coruja seca, que é também um grandessíssimo cara-de-pau! A mim você não engana mais, seu patife!

Narizinho conseguiu tapar-lhe a boca, antes que ela desfilasse um rosário de xingamentos. Pedrinho, que também espantou-se com a presença do falso Félix, falou baixinho para a boneca:

— Deixa comigo, Emília. Trago aqui o meu bodoque. Qualquer presepada desse malandro, dou-lhe uma bodocada!...

E Mizinha continuou a apresentação:

— Trouxe aqui alguém que gostaria de pedir desculpas pelo crime de falsa identidade. O gato Felício tem grande admiração pelo gato Félix — nosso astro conhecido de todos vocês, que também nos honra com sua presença.

Ao saber que o grande poeta Horácio Dídimo se encontraria nesta plateia, Felício, arrependido por sua conduta injustificável, demonstrou um desejo imenso de desfazer a má impressão e conhecer pessoalmente o autor da belíssima obra “As Harmonias do Pai-Nosso” (DÍDIMO, 1986) — que nos presenteia com um abraço afinado entre poesia e religião, porque nosso Horácio Dídimo mistura o encanto dos poetas com a ternura dos santos...

As palmas ecoaram vigorosas, enquanto todos os olhares se dirigiram ao grande mestre. Emília levantou-se toda lampeira e, antes que alguém a impedisse, subiu feito relâmpago no palco, pedindo (ou melhor, arrancando) a palavra:

— Hum-hum! — pigarreou à moda dos grandes oradores — gostaria de dizer aos presentes que nosso brilhantíssimo poeta de Três estrelinhas estudou na escola das fadas, por isso virou alguém que é um pouco da terra e um pouco do céu... Conseguiu até mesmo que o tal Felício se regenerasse. Taí um verdadeiro milagre!... (Emília tinha mania de meter estrelinhas em tudo. Era também danada com essa história de virar uma coisa em outra, uma viração que nunca acaba!...). A essa altura, vovó Benta sinalizou para Mizinha Amarela que prosseguisse com o recital ou Emília levaria horas naquele discurso.

Mizinha educadamente agradeceu as palavras de Emília, que desceu do palco sob sonoros aplausos. Nesse momento, a aranhinha anunciou um dueto felino inédito: gato Félix e gato Felício interpretando mais uma paródia com base na canção “Atirei o pau no gato” — melodia das mais conhecidas de nosso cancioneiro folclórico.

Ambos seresteiros experientes, incluíam no currículo audições nos mais altos e nobres telhados. Félix, mais viajado, já miou em altíssimos arranha-céus, incluindo até mesmo o telhado de uma das torres gêmeas — como fez tal proeza, isso não se sabe...

Aproveitando a braçada de rosas vermelhas e amarelas deixadas no palco por Rezinha Alaranjada, os bichanos trataram de pegar as rosas — Félix ficou com as vermelhas; Felício, com as amarelas.

Emília, claro, não perdeu a oportunidade de dar seus pitacos: — O tal Felício pegou as amarelas para combinar com seu sorriso amarelo! E deixou escapar uma risadinha espremida... Os bichanos começaram:

ATIREI O PAU NO GATO⁸

Atiraram flor no ga-to-to, /

E o gatinho-nho recebeu-beu-beu. /

Em seguida-da, ao poeta-ta, /

Com carinho, com carinho ofereceu...

Num gesto suave e harmonioso, os bichanos lançaram uma chuva de flores em direção ao nosso ilustre convidado Horácio Dídimo. Foi um momento dos mais bonitos!...

Fazinha verde (aranhinha extra)

Para dar continuidade ao recital, Mizinha Amarela chamou sua irmã Fazinha Verde (a aranhinha Extra, que tece o fio extratextual, transformando pessoas reais em personagens, a exemplo do fabulista La Fontaine). Fazinha Verde assume o palco sob o olhar atento de toda a plateia.

8 Letra original da canção folclórica “Atirei o pau no gato”: Atirei o pau no gato-to/ mas o gato-to-to/ não morreu-reu-reu/ Dona Chica-ca-ca/ admirou-se-se/ do miau, do miau que o gato deu! (Miau). (NAIRZINHA, 2006, p. 145; CASTRO, 1967, p. 11; GARCIA; MARQUES, 1992, p. 30; PIMENTEL, 2004, NOVAES, 1960, p. 24.).

Sua preferência pela cor verde a fez colocar um pequeno pinheirinho no lugar vazio onde, antes, estavam as rosas vermelhas e amarelas. Quem seria o convidado para tão importante evento?

— Que rufem os tambores! — falou o Visconde, que reuniu várias latas vazias de querosene, incluindo aquela que o abrigou, quando estava bolorento soltando um desagradável pó verde⁹. Visconde dispôs todas elas ao lado da plateia, e Fazenda Verde precisou de suas oito patas para percorrer os tambores improvisados, antes de anunciar o nome do ilustre convidado da noite.

Emília, depois de alguma relutância, emprestou à Fazenda uma caricatura do convidado (surrupitada do jornal de Dona Benta e inclusa com muito orgulho em seu famoso “Museu da Emília”). A caricatura era de alguém bigodudo e sobranceiro que, para aumentar o suspense, Fazenda apresentou antes de chamar o próprio caricaturado, arrancando de imediato aplausos calorosos da plateia. Em seguida, aconteceu a entrada de Lobato. Era ele mesmo, Lobato em pessoa!... (Agora, também, em personagem...).

Lobato, aplaudido de pé, entrou e sentou-se ao lado do igualmente ilustre Horácio Dídimo, que muito gentilmente levantou da cadeira para receber o colega. A plateia delirou em aplausos fortíssimos, num crescendo à moda beethoviana...

Emília, que jamais deixaria passar o momento sem “meter sua colherinha torta”, subiu no colo de Narizinho e anunciou: — Com vocês: Vovô Loló e Vovô Didi!

Narizinho, estranhando, perguntou à boneca: — Que história é essa de vovô Didi, Emília? Já não chega a petulância de chamar Lobato de vovô Loló¹⁰, agora vem com essa de vovô Didi?!

9 LOBATO, Monteiro. O gato Félix. In: *Reinações de Narizinho*, p. 81. “Narizinho teve dó do coitado; espanou-lhe o bolor e boto-o num canto da sala, dentro numa lata — para que não sujasse o chão com aquele pó verde.”

10 DÍDIMO, Horácio. *Ficções Lobatianas: Dona aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*, p. 44. “Acho o cúmulo, por exemplo, você chamar Hércules de Lelé, o Dr. Lobato de Loló. Dona Aranha deixou passar o Lelé, mas essa história de vovô Loló nunca saiu nos livros.”

— Ora, está muito bem dito, ditíssimo... Tinha pensado em vovô Hohô, mas pareceu a risadinha do Papai Noel com um “Ho” engolido, por isso prefiro vovô Didi. Está preferido, pronto!...

Com receio de atrapalhar o bom andamento do recital, Narizinho preferiu não argumentar mais nada — com a cabeça-dura da Emília não tem conversa mesmo...

Para a homenagem dupla, desta feita a ambos os escritores: Dídimo e Lobato, Fazenda Verde convidou um personagem do reino das águas claras – lembrando o episódio do primeiro livro para crianças escrito por Lobato e que serviu de inspiração a Dídimo: “A menina do Narizinho Arrebitado”¹¹. Pois bem, eis que aparece no palco mais uma dupla singularíssima: o Príncipe Escamado e o Peixe Vivo (o tal da cantiga de roda), unidos para mais um dueto inusitado! Novos aplausos e a dupla começa:

PEIXE VIVO ¹²

Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria?...

Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria?...

Sendo uma homenagem

Pra mostrar o nosso apreço

Vivo dentro, vivo fora com saúde e alegria.

Vivo dentro, vivo fora com saúde e alegria.

A dupla terminou saudando os homenageados com uma reverência, em que o Príncipe Escamado suspende a coroa (uma versão substituta, já que o Rabicó comeu a primeira) e o Peixe Vivo suspende a cartola, que tomou por empréstimo do Visconde, especialmente para essa ocasião.

11 *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi o primeiro livro infantil de Lobato. Publicado em 1920 e relançado em 1921, com o título “Narizinho Arrebitado” e o acréscimo de novos textos, serviu como livro de leitura nas escolas primárias da rede pública de São Paulo. Somente em 1931, Lobato retoma a escrita direcionada ao público infantil e reescreve a obra, incluindo novos episódios e atribuindo o título de *Reinações de Narizinho*.

12 Letra original da canção folclórica “Peixe vivo”: Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria?.../ Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria?.../ Como poderei viver? Como poderei viver?/ Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia/ Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia... (NAIRZINHA, 2016, p. 34; GARCIA; MARQUES, 1992, p. 75; NOVAES, 1960, p. 218).

Fazinha Verde anuncia a presença de mais uma das irmãs: Solzinha Azul.

Solzinha azul (aranhinha trans)

Solzinha Azul (a aranhinha Trans, que tece o fio transtextual, transformando os textos originais das histórias, recontando-as e adaptando-as) entra no palco muito sorridente. Ela também tinha convidados especiais para apresentar naquele recital com todo jeito de festa lobatiana, das legítimas...

Um pouco antes, Solzinha Azul havia ido à margem do Ribeirão, onde fica o Reino das Águas Claras (com as águas mais azuis do mundo), a procura da Formiguinha da roça, cuja morada é um *bigformigueiro* com vista para o ribeirão. Depois que os habitantes do sítio conheceram La Fontaine em pessoa¹³, alguns bichos do fabulário deram pra se comunicar com os bichos do sítio. Vez por outra, é um tal de visita aqui, visita ali... O que se sabe é que fizeram boa camaradagem. O burro que vestiu a pele de leão virou discípulo do burro falante; o galo que enganou a raposa virou ídolo de todo galinheiro do sítio; a galinha dos ovos de ouro é “unha e carne” com a carijó de tia Nastácia; e a formiguinha da roça ficou amicíssima da formiguinha da fábula — do tipo melhores amigas.

Assim sendo, não foi difícil Solzinha Azul achar as duas formigas de conversa fiada, que nem duas comadres. Ali mesmo, Solzinha fez o convite para o Recital. E para alegria de todos os presentes, havia chegado o momento solene da grande apresentação, em que mais um dueto seria ouvido naquele palco.

Solzinha Azul, com voz muito firme e estampando contentamento, anunciou:

— Com vocês: Formiguinha da Roça e a Formiguina Boa de nossa fábula. As duas são repentistas e adoram inventar, mudando a toada a cada vez que cantarola... Depois de estudarem canto com Dona Cigarra,

13 No episódio intitulado “O Senhor de La Fontaine” In: *Reinações de Narizinho*, as crianças, Emília e o Visconde visitam o País das Fábulas e conversam pessoalmente com o Senhor de La Fontaine.

e após um período de muita dedicação, receberam diploma e hoje são profissionais muito respeitadas!

Houve nova chuva de aplausos seguida da expectativa da plateia, que fez tanto silêncio que era capaz de se ouvir uma mosquinha passeando. E a dupla deu início a performance. Formiguinha da fábula canta apontando para Formiguinha da roça:

FORMIGUINHA DA ROÇA¹⁴

Formiguinha da roça endoideceu

Com o convite que lá apareceu

O convite a mim se estendeu

Cá estamos felizes, ela e eu!

Formiguinha da roça canta apontando para Formiguinha da fábula¹⁵: “A lição que a cigarra nos ensina / Fez mudar entre nós toda a rotina / Pois cantar deve ser a nossa sina/ A cantiga por certo é divina.”

As duas formiguinhas cantam juntas, de mãos dadas: “Ai, ai, ai, ai, feliz é a formiga /Que enfeita o trabalho com cantiga. “

A plateia aprovou com sonoros aplausos, mostrando claramente a satisfação em contar com tão ilustres artistas. Solzinha Azul escancarou o sorriso e, após agradecer a participação de nossas formigas repentistas, anunciou a presença de sua irmã no palco: a Lazinha Anil.

Lazinha anil (aranhinha meta)

Lazinha Anil (a aranhinha Meta, que tece o fio Metatextual, trazendo personagens criados por personagens — os metapersonagens)

14 Letra original da canção folclórica “Formiguinha da roça”: Formiguinha da roça endoideceu/ com uma dor de cabeça que lhe deu/ Formiguinha da roça endoideceu/ com uma dor de cabeça que lhe deu/ Ai, ai, ai, ai, pobre formiguinha/ põe a mão na cabeça e faz assim.../ Ai, ai, ai, ai, pobre formiguinha/ põe a mão na cabeça e faz assim... (NAIR-ZINHA, 2006, p. 136; CASTRO, 1967, p. 46; PIMENTEL, 2004, p. 94; NOVAES, 1960, p. 174).

15 Na obra *Fábulas*, Lobato inicia a escrita com a história “A Formiga Boa”, seguida da versão “A Formiga Má”, sendo essa última a que, de fato, consta na obra de La Fontaine. “A Formiga Boa” é uma recriação de Lobato, trazendo à tona um comentário entre os personagens do sítio com o intuito de confrontar a conduta de ambas as formigas.

estava visivelmente emocionada com as apresentações de altíssimo nível artístico, que agradaria às plateias mais exigentes!...

Ela, é claro, também havia preparado uma surpresa. Recorrendo aos escritos do mundo lobatiano, resolveu trazer uma personagem das mais interessantes, criada pela boneca mais espezitada do mundo... (Preciso dizer o nome? Tenho certeza que não!).

Lazinha deu aquele pigarrinho básico, que limpa a garganta como prenúncio de fala importante, e anunciou:

— Meus diletos amigos, senhoras e senhores, ilustríssimos homenageados, tenho a honra de apresentar a pastora que veio diretamente da história de nossa amada Condessa de três estrelinhas, a nossa popularíssima Emília¹⁶.

A plateia dirigiu total atenção à boneca, cujos olhinhos de retrós brilhavam mais que as três estrelinhas do tal título de nobreza inventado. Com as pernas muito fininhas, feitas de macela pelas mãos de Nastácia, Emília era mais ágil que muita gente de carne e osso. Num piscar de olhos, a danadinha estava em cima do palco, muito esticadinha e de nariz empinado, com seu jeitinho abarrotado de sabedoria... E começou dizendo:

— Estou honradíssima com o convite feito à minha pastora — nascida de meus pensamentos mais bem costuradinhos... Ela é mesmo uma pastoríssima das boas, sabe pastorear como ninguém. Não deixa um carneirinho ou carneirão perdido, porque tem um jeitinho muito carneirável de reunir os bichinhos. Ela mesma vai mostrar como se faz!

Dizendo isso, Emília desceu do palco e foi sentar no colo de Narizinho para enxergar melhor o desempenho de sua pastorinha.

Dessa vez o dueto estava por conta da própria Lazinha Anil, que dividiu o palco com a pastorinha, num duo muito afinadinho e harmônico: Lazinha começa:

16 LOBATO, Monteiro. A história da Emília. In: *Reinações de Narizinho*, p. 88. "A pastorinha não vacilou um só instante e aceitou a proposta. E no outro dia veio o padre e casou-a."

BELA PASTORA ¹⁷

Lá no alto daquela montanha/
Encontrei uma bela pastora/
Que dizia na sua linguagem /
Que queria se casar...

Lazinha canta dirigindo-se à Pastora:

Bela Pastora entrai na roda
Dai a mão para o seu par.
Rodopia bem formosa
Sem sair de seu lugar.

Lazinha e Pastora cantam a duas vozes:

CARNEIRINHO, CARNEIRÃO
Carneirinho, carneirão-neirão-neirão
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão.
Peço a Deus, Nosso Senhor, Senhor, Senhor
Para todos abençoar...

A afinação das duas foi irrepreensível, um equilíbrio vocal perfeito — coisa de profissional!... Certamente as aranhinhas não herdaram a voz da mãe. Aliás, falando em mãe, Dozona Vermelha chegou a estufar o peito, de tanto orgulho. Afinal, todas as mães do mundo são “corujas” (seja gente ou seja bicho...).

Emília também fez pose de mãezona, batendo palmas com tanta força que descosturou um pouquinho uma de suas mãos, soltando macela tal qual o Visconde com o pó bolorento. Nastácia recomendou que

17 Ambas as canções (Bela pastora e Carneirinho, carneirão) pertencem ao nosso cancionário folclórico e tiveram suas letras reproduzidas conforme as respectivas versões originais. Bela Pastora (CASTRO, 1967, p. 15; PIMENTEL, 2004, p. 188; NOVAES, 1960, p. 27; VILLA-LOBOS, 1941, nº 15 [s/p]). Carneirinho, carneirão (NAIRZINHA, 2006, p. 65; CASTRO, 1967, p. 22; GARCIA; MARQUES, 1992, p. 37; PIMENTEL, 2004, p. 103; NOVAES, 1940, p. 33; VILLA-LOBOS, 1941, nº 31 [s/p]).

a diabinha ficasse quieta até o final das apresentações, assim ela poderia dar uns pontinhos, para estancar aquele “sangue de macela”.

A plateia aplaudiu eufórica, reconhecendo o talento especial da dupla. Feito silêncio, a pastora desce do palco e Lazinha Anil convida a última de suas irmãs — a Sizinha Violeta para assumir a condução do evento.

Sizinha violeta (aranhinha hiper)

Sizinha Violeta (a aranhinha Hiper, que tece o fio Hipertextual, trazendo personagens criados com base em personagens já existentes) chegou violetando... Usou uma bela violeta, que encontrou lá pelo canteiro de Narizinho, para enfeitar-lhe o papo. Entrou no palco radiante! E com muito desembaraço foi anunciando:

— Senhoras e Senhores, ilustríssimos convidados, chegou o momento hiperespecial, hipermágico e hipertocante!...

Nesse ponto da apresentação, Emília faz mais um de seus apartes:

— Essa tal aranhinha Hiper está muitíssimo hipértica! Acho que tem hiper demais nesse discurso, está me deixando hipercansada”...

O Visconde rebate:

— Vê se não abre agora sua torneirinha de asneira, Dona Emília! Trata-se de um momento apoteótico — o “momento hiper” deste evento!

Narizinho beliscou Emília para encurtar a discussão, e Sizinha continuou:

— Gostaria de convidar ao palco, para o encerramento deste recital, nossa matriarca Dozona Vermelha e todas as minhas irmãs: Rezinha Alaranjada, Mizinha Amarela, Fazinha Verde, Solzinha Azul e Lazinha Anil.

Dozona Vermelha e as demais aranhinhas levantaram de suas cadeiras acompanhadas dos mais sonoros aplausos. No palco, dispostas em semicírculo, seguiram a ordem das notas da escala musical. Dozona Vermelha na ponta da esquerda; Sizinha Violeta na ponta da direita.

Sizinha anunciou que o poema escolhido para ser especialmente apresentado naquela ocasião exaltava as sete notas da escala musical. Seu

autor estava presente na plateia e era, juntamente com Lobato, a principal motivação de todas as performances daquela bela mostra de talentos.

Horácio Dídimo foi calorosamente aplaudido de pé; em seguida, ele e Lobato foram convidados a subir em um pequeno estrado, colocado ao lado do palco, para que assistissem a performance em posição de destaque.

Sizinha Violeta sabia mesmo como surpreender... Anunciou mais uma surpresa para aquele final de tarde — a participação especial de Mestre Jabuti! Como todos sabem, jabuti é respeitadíssimo no reino da bicharada por seu singular talento musical — um multi-instrumentista, que aparece em diversas narrativas tocando flauta, gaita, viola, dentre outros instrumentos...¹⁸

Para aquela ocasião, Mestre Jabuti escolheu a viola caipira — o instrumento ideal para acompanhar com belas harmonias o coro de aranhas. E a performance teve início com o poema *A conjuntura*¹⁹:

O violino diz que sim
O violão diz que não
E o poeta faz DÓ
RÉ MI FÁ
SOL LÁ SI
Com suas palavrinhas.

Os aplausos ecoaram em alto e bom som!... A plateia delirava num visível contentamento. Mestre Jabuti tomou a palavra, anunciando uma paródia do poema, que revela o imenso apreço, do nosso ilustre poeta

18 Câmara Cascudo denomina o conjunto de histórias em torno do personagem jabuti de “Ciclo do Jabuti”, explanando o assunto em sua obra *Literatura Oral no Brasil* (CASCU DO, 1984, p. 87). Silvio Romero, em *Contos Populares do Brasil*, coletou diversas histórias do jabuti/cágado, em que nosso herói, na maioria das vezes, vence os obstáculos graças a sua maestria musical. Aparece sempre executando um instrumento, seja ele a flauta, a viola ou a gaita. (ROMERO, 1985, p. 143-168).

19 DÍDIMO, Horácio. *A conjuntura*. In: **Amor, palavra que muda de cor**, p. 42. DÍDIMO, Horácio. *A discussão*. In: **O passarinho carrancudo**, p. 7. Encontramos ambas as versões (*A conjuntura* e *A discussão*), in: DÍDIMO, Horácio. **Ficções Lobatianas: Dona aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo**, p. 177.

homenageado, por todos os habitantes do sítio do Picapau Amarelo. A canção foi repetida, desta feita, com a nova letra do poema:

A DISCUSSÃO

A Emília diz que sim

O Visconde diz que não

E Dona Aranha faz DÓ

RÉ MI FÁ

SOL LÁ SI

Com suas aranhinhas.

Nova onda de aplausos calorosos... Emília e o Visconde, citados na canção, não cabiam em si de satisfação...

Visconde reage fazendo uma caprichadíssima reverência, em sinal de grande respeito e admiração ao poeta e todos os artistas. Preferiu não falar nada, porque em momentos de grandes emoções, qualquer palavra fica pequenininha, parecendo gente miúda vestida em roupa folgada...

Emília, sem a menor cerimônia, encarapitou-se no colo dos homenageados, numa intimidade que só vendo!... E foi abrindo sua torneirinha de falação:

— Sempre achei vocês emilianíssimos, vovô Loló e vovô Didi! Provaram que são escrevedores dos bons!

Enquanto todos se abraçavam e parabenizavam escritores e artistas, Tia Nastácia cochicha para Dona Benta:

— Sinhá, o povo deve de estar com a barriga colada no espinhaço, de tanta fome... Vou preparar a mesa para o lanche!

Dona Benta acena positivamente com a cabeça e, dentro de instantes, volta Nastácia avisando que o lanche está servido.

Na mesa, não poderia faltar: o tradicional bolo de fubá, pé-de-moleque, cocada, bolinho de chuva e quindim (o “docinho”, não vale comer o rinoceronte!); para beber, além do cafezinho torrado pela própria Nastácia, havia uma grande variedade de sucos: de goiaba, de caju, de graviola, de manga... Tudo de lamber os beiços e comer rezando...

Pra dizer a verdade, eu estive lá, dando uma olhadinha de longe!... Mas quando a admiração vira encantamento, ficamos com jeito abobalhado, sem saber o que fazer ou dizer... Bem que tive vontade de me aproximar e terminar esta história dizendo para vocês aquela famosa fórmula: “Até separei uns docinhos para trazer, mas no caminho escorreguei e espatifou-se...” Mas como isso não aconteceu, fiquemos com o doce das palavras do poeta e o mel de cada MELodia.

E só para valorizar as fórmulas de nosso folclore, usarei aquela que diz: «Acabou-se o que era doce, quem comeu que regalou-se»!...

Nota final

Foi *O passarinho carrancudo*²⁰ quem me apresentou ao poeta Horácio Dídimo. Horácio queria muito desfazer o jeito sisudo do tal passarinho. E pensava: — Quem sabe aprendendo umas melodiazinhas ele desmancha essa cara de quem comeu e não gostou, de quem viveu e não cantou...

Foi aí que teve a ideia de pedir ao passarinho que me procurasse — precisava falar pessoalmente comigo e expor a situação, tintim por tintim... Conduzida pelo passarinho, cheguei até o Horácio e conversamos horas a fio... Depois que passamos dos acertos necessários ao momento “conversa fiada”, nos despedimos com dia e horário da aula agendados.

Logo começamos as aulas de fazer passarinho melodiar. De início, ele só queria saber de contar histórias. E o passarinho me contou, contou, contou... Até que fartou-se de tanto contar e resolveu aprender a cantar. Dedicou-se com muito afinco e explorou nota por nota...

Desse dia em diante, não parou mais de cantarolar suas melodiazinhas, faça sol ou faça chuva!... E depois de cantador, deu pra viajador, indo parar no Sítio do Picapau Amarelo! Dizem que não quer mais sair de lá!...

20 Tive a honra de musicar os poemas do livro *O passarinho carrancudo*, de Horácio Dídimo — trabalho que me trouxe inúmeras alegrias, dentre as quais o privilégio de conhecer e ser amiga do autor da obra.

Referências

a) Bloco literário:

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro-RJ: Nova Aguilar, 1977.

CASCUDO, Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte -MG: Ed. itatiaia; São Paulo-SP: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

DÍDIMO, Horácio. *As Harmonias do Pai-Nosso*. 2ª Ed. ampliada. Fortaleza-CE, 1986.

_____. *Ficções Lobatianas: Dona aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza-Ce: Ed. UFC, 1996.

_____. “A conjuntura”. In: *Amor, palavra que muda de cor*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *O passarinho carrancudo*. Fortaleza-CE: Edição patrocinada pela Livraria Carochinha, 1983.

_____. *As historinhas do mestre Jabuti*. Fortaleza-CE: Ed. Demócrito Rocha, 2003.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Histórias Diversas*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROMERO, Silvio. *Contos Populares do Brasil*. Belo Horizonte -MG: Ed. itatiaia; São Paulo-SP: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1985).

b) Bloco musical:

CASTRO, Zaïde Maciel de. *Jogos e Rondas Infantis*. Edições SESI (Serviço Social da Indústria — Departamento Nacional, 1967).

GARCIA, Rose Marie Reis; MARQUES, Lilian Argentina. *Brincadeiras Cantadas*. Porto Alegre-RS: Kuarup, 1992.

NAIRZINHA. *Cirandando Brasil*. Salvador-BA: Ed. Press Color Gráficos Especializados Ltda, 2006.

NOVAES, Iris Costa. *Brincando de roda*. Rio de Janeiro-RJ: Ed. agir, 1960.

PIMENTEL, Altimar. *Esquindô-lê-lê: Cantigas de Roda*. João Pessoa-PB: UFPB Edições, 2004.

SCHREIBER, Ana Cristina; SCHREIBER, Marcos. *As melhores cantigas infantis*. (CD TEKA). São Paulo-SP: Ciranda Cultural; Curitiba-PR: Cidade 300, [s/d.].

VILLA-LOBOS, Heitor. *Guia Prático*. São Paulo-SP: Vitale, 1941.